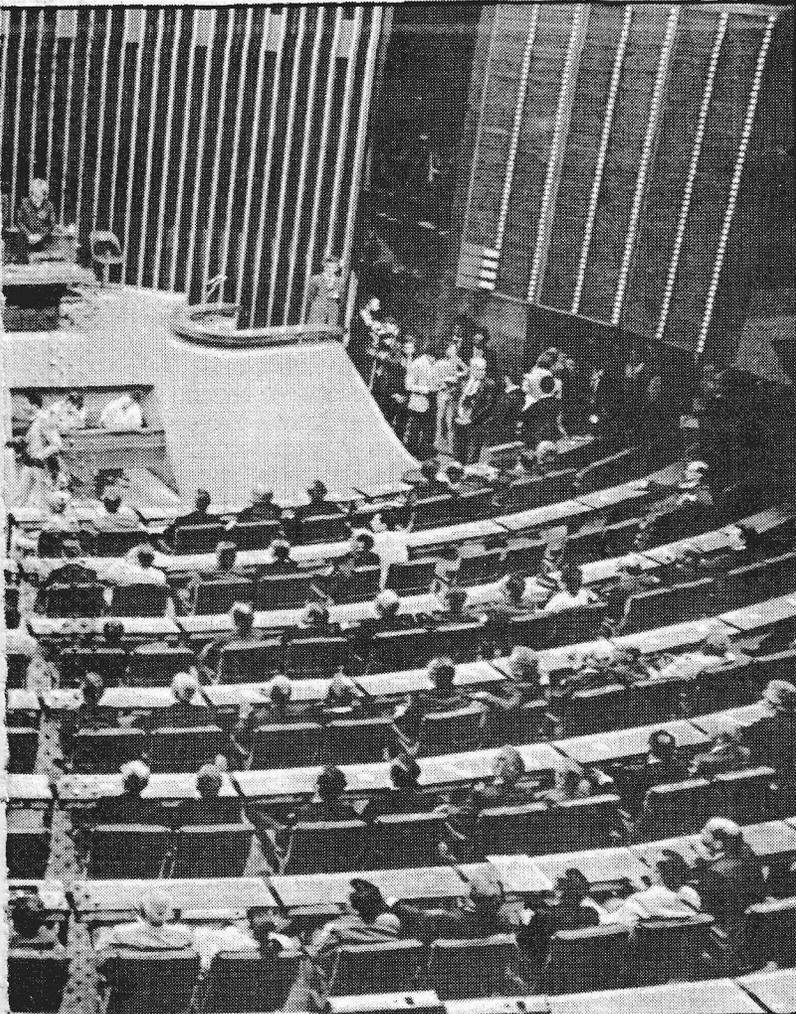


'terceiro turno' no Congresso

Foto de Juan Carlos



e juntos têm menos de 10 por cento de representação no Congresso

Partidos esperam apoio dos derrotados

BRASÍLIA — As lideranças dos partidos que disputam o segundo turno não vêem grandes dificuldades para que seus candidatos governem o País no decorrer do próximo ano, quando ainda estarão no Congresso mais de 500 parlamentares de partidos derrotados na eleição. Os Líderes das legendas que apoiam Fernando Collor de Mello e Luís Inácio Lula da Silva, embora com posições ideológicas e programas divergentes, têm a mesma expectativa: que seus governos atendam aos anseios da população e a sociedade exerça sobre o Congresso uma grande pressão para que as medidas do Executivo sejam aprovadas.

O Líder do PRN, na Câmara, Deputado Renan Calheiros, está consciente de que o primeiro ano de governo de Collor de Mello não será facilitado pelos atuais congressistas, em virtude do posicionamento do candidato ter sido o de evitar alianças com os partidos de direita e de ter sido repellido pelos partidos da esquerda, que se aglutinaram com Lula.

— Mas acho que essa dificuldade fatalmente será minimizada pela pressão popular — disse.

Para ele, o calendário das eleições para a renovação do Congresso (em outubro do próximo ano) também ajudará muito:

— Os parlamentares ficarão mais expostos ao julgamento dos

eleitores e terão de entrar em sintonia com a pressão. Em caso contrário, não serão reeleitos.

O Vice-Líder do PT, Deputado Paulo Delgado, espera que não criem dificuldades para Lula:

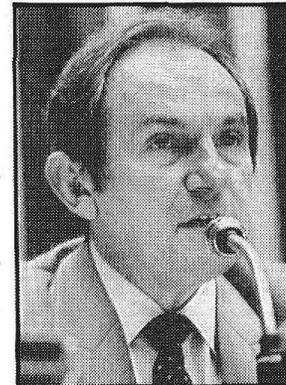
— O eleitorado, ao escolher candidatos dos quadros dos pequenos partidos, deu seu recado ao Congresso, de que os partidos majoritários não tiveram representatividade junto à população.

Segundo ele, a chegada de Lula ao poder vai exigir que ele tome atitudes firmes no começo, para gerar as consequências políticas esperadas pelos partidos que o apoiaram: credibilidade e apoio da sociedade. Ele está certo de que o Congresso não poderá entrar em conflito com o Presidente legitimamente eleito, sob pena de sofrer uma renovação, nas eleições de 90, superior a 90%. Para Delgado, se Lula chegar à Presidência, não repetirá o equívoco do Presidente José Sarney, que superutilizou as medidas provisórias:

— Nenhuma medida provisória será editada sem ser amplamente debatida com os congressistas.

Tanto Delgado como Calheiros acham que o próximo Presidente poderá ter seu governo prejudicado em função da Constituição, que divide os poderes entre o Executivo e o Legislativo.

22-5-89



Cabral: Carta é fio condutor

31-8-89



Renan prevê dificuldades

23-5-89



Delgado: debates amplos